

p. 2

# O saldo da segunda-feira



**JOSÉ SARNEY**  
Senador do Amapá  
pelo PMDB, foi  
presidente da República

O que aconteceu em São Paulo não pode ser tratado de maneira superficial nem sob qualquer ângulo de conotação política ou partidária.

Perplexo, o povo brasileiro viu e sentiu a impotência do Estado e seu despreparo — e Estado aqui não é o ente federativo — diante de uma situação de colapso da ordem.

Face a uma situação dessas, o único instrumento que a sociedade teve para apoiar-se e defender-se foi o medo. É ele que faz as pessoas ficarem em casa, os transportes não funcionarem e a própria autoridade constituída não saber o que fazer. É ele quem protege. E era contra ele que Roosevelt colocava uma das quatro liberdades, em seu famoso discurso de janeiro de 1941: a liberdade contra o medo.

A verdade é que ficou provada a existência de uma organização forte, articulada, motivada seja lá por quê for e disposta a tudo. Seu inimigo é o Estado, é a sociedade que os criou, dando surgimento a essa revolta anárquica que hoje é uma mistura de ódio sem objetivo definido, dirigido a tudo e a todos.

A isso se chama desde o começo da humanidade terror. Tom Holland em um livro de agora diz que “os romanos matavam para inspirar terror, não por arroubos frenéticos”. Na cabeça dos responsáveis pela segunda-feira trágica não estava ganhar qualquer conquista a suas reivindicações com algumas mortes de vingança — vingança que não caía sobre seus algozes, mas, indiscriminadamente, em inocentes e vítimas de ocasião. Não há ideologia, mas pior que isso, o nihilismo, o vazio das motivações. A violência como vindita.

Vamos às causas. O poder coercitivo das leis e o receio das penas só se tornam efetivos se elas — lei e pena — forem aplicadas. A prisão teoricamente é destinada a proteger a sociedade contra a reincidência e a promover a regeneração do culpado. Como esperar que isso aconteça se a Justiça está desaparecida, milhões de processos af estão acumulados sem andamento e sem julgamento pela crise do Judiciário, centenas de milhares de mandados de prisão estão por cumprir e se o sistema penitenciário é insuficiente, está em frangalhos, não existe,



e as prisões em vez de regenerar são depósitos de presos e escolas de atrocidades?

E se bombardeia a sociedade pedindo penas mais severas, repressão maior e todo dia estende-se mais a denominação de crime hediondo, como se isso fosse meio de inibir qualquer crime, quando todos sabem que nada funciona, nem atemoriza, nem inibe.

O sistema penal faliu, acabou. As leis que fizemos protegem os presos e desprezam as vítimas e não há meios de corrigir nem reprimir o crime. Hoje, a preferência é o com-

bate aos crimes que dão notícia na imprensa e não aos que ameaçam a sociedade.

São uma ignomínia as prisões brasileiras. Para combater a violência são necessárias prisões dignas e justiça célere. Se rápido não fizermos isso, o tráfico e o terror levarão o país a um trágico encontro, ou melhor, confronto.

Graças a Deus não temos sibilas a consultar, senão elas podiam nos encher de medo e previsões, matando a ilusão do doce jeito de ser brasileiro, com a cultura da alegria e da cordialidade.